

CÂMARA TEOLÓGICA IAP



Espaço Promessa, Cosmópolis, SP | 19 de Outubro

2024

O CRISTÃO E AS BEBIDAS ALCÓOLICAS

INTRODUÇÃO

Qual deve ser a relação do cristão com as bebidas alcóolicas? Esta é a pergunta que este texto pretende responder. As três posições mais comuns sobre o consumo de bebida alcoólica entre os cristãos, adotadas ao longo da história, são:

- *Em primeiro lugar os proibicionistas*, que não toleram de forma alguma o consumo de bebidas alcoólicas e consideram pecado, qualquer que seja a quantidade, porque o álcool é um mal em si mesmo;
- *Em segundo lugar, os abstencionistas*, que defendem que beber não é pecado, mas que todos os cristãos deveriam evitar qualquer tipo de bebida alcoólica para não serem motivo de escândalo e tropeço para alguém, principalmente para aqueles que possuem problemas relacionados ao alcoolismo.
- *Em terceiro lugar, os moderados*, que ensinam que beber não é pecado, mas que a relação do cristão com o álcool deve ser uma relação de moderação e bom senso.

Pois bem, o que a Bíblia diz sobre as bebidas alcóolicas? Qual destas posições mais se aproxima com o testemunho da Escritura? Vamos iniciar analisando o que diz o Antigo e o Novo Testamento.

1. PONTO DE VISTA BÍBLICO

Antes de tudo é importante frisar que a Bíblia não traz explicitamente a expressão “bebidas alcoólicas”. No entanto, temos citações de bebidas que claramente possuíam teor alcoólico, em especial o vinho.

A bebida, no Antigo Testamento

No Antigo Testamento a palavra padrão empregada para vinho é *yayin* e aparece 140 vezes, 12 delas em combinação com *shekar* (vinho e bebida forte ou vinho e cerveja). As propriedades embriagantes de *yayin* são mencionadas pelos menos 20 vezes. Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (p.614) *yayin* é mencionado como uma bebida comum, como um dos componentes de banquetes e como material usado em “libações” (oferta de vinho), mesmo que neste caso não fosse ingerido. *Yayin* tem em sua raiz o significado de borbulhar, espumar ou ferver. Isso se refere claramente ao processo de fermentação no qual o fermento converte açúcares em álcool etílico e em dióxido de carbono. Enquanto este processo ocorre num tonel de uvas pisadas e seu suco, com o tempo uma porção de finas bolhas escapa (o dióxido de carbono)¹. Sendo assim, podemos entender que a própria palavra hebraica

¹ MCDURMON, Joel (p.40)

para vinho é descritiva do suco de uva que passou por esse processo borbulhante da fermentação. Esses termos são frequentemente usados juntamente, e são empregados indiferentemente, quer o escritor sagrado esteja recomendando o vinho e a bebida forte como desejáveis, quer esteja advertindo contra o perigo de abusar dos mesmos.

Como já falado outra palavra que aparece no Antigo Testamento é palavra *shekar*, frequentemente traduzida por bebida forte ou cerveja. Falando especificamente sobre a palavra, o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (p.1564), diz que muito provavelmente essa palavra não se refere a bebida destilada, pois não há indícios de que esse tipo de bebida tenha existido nos tempos antigos. A palavra não denota apenas cerveja de cevada, mas qualquer bebida alcoólica preparada de cereal ou de fruta (p.1565). Outro termo encontrado no Antigo Testamento é *shakar*, um verbo que significa, embriagar-se, estar bêbado ou tornar-se bêbado. Esse verbo é empregado 19 vezes no AT, 12 delas nos livros proféticos. De acordo com O Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (p.1564), com poucas exceções, utiliza-se *shakar* e seus derivados (o substantivo *shikkar*, bêbado e *shikkarôn*, embriaguez) num contexto altamente desfavorável e negativo.

Outro vocábulo que aparece no Antigo Testamento é *tirosh*, algumas vezes traduzido por vinho novo, vinho fresco ou mosto. Essa palavra é utilizada 38 vezes, 20 delas junto com trigo e/ou azeite, para designar o fruto fresco do campo. Em Miquéias 6:15 se afirma que *yayin* é produzido a partir de *tirosh*. Frequentemente tem se considerado *tirosh* como o suco da videira ainda não fermentado, que, por conseguinte, não embriaga, porém, o seu uso em uma passagem como Os 4:11, ao lado do uso que do mesmo faz o Talmude, deixa claro que o mosto era capaz de ser usado em mau sentido, tal qual os demais termos. Além disso, apesar de haver exemplos de uvas sendo espremidas numa taça, e presumivelmente usadas imediatamente (Gn 40.11), é significativo que o termo "vinho" jamais é aplicado ao suco que disso resulta. Por fim, temos a palavra *‘āsīs* que também é traduzida como mosto (algumas versões utilizam a palavra néctar para traduzir *‘āsīs*). Para o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (p.1150) as derivações de *‘āsīs* parece sugerir o suco fresco recém-espremido. No entanto é difícil chegar a uma definição exata de *‘āsīs* já que em Cantares 8:2 fala de suco de romãs. Por sua vez Isaías 49:26 e Joel 1:5 indicam que ele era fermentado. O Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (idem) conclui que talvez a palavra se refira a sucos fermentados em geral, tanto de uvas quanto de outras frutas.

Ainda olhando o Antigo Testamento, nota-se que o mesmo vinho (hebraico *yayin*) com o qual Noé embriagou-se (Gn 9.21), Ló (Gn 19.32-35), Nabal (1Sm 25.37), Assuero (Et 1.7, 10), e outros (Is 28.1, 7; Jr 23.9), foi dado a Abraão por Melquisedeque (Gn 14.18), mantido nos armazéns dos reis de Israel (1Cr 27.27; 2Cr 11.11; Ne 5.18) e permitido a todo o povo de Deus (Dt 14.26). O vinho no A. T. é muito frequente e faz bem mencionar a maneira como é descrito nas páginas veterotestamentárias. Segundo DITNT (p.2653): O vinho é frequentemente mencionado em listas de produtos (e.g. Gn 27:28; Dt 7:13; 11:14; 18:4; 2 Rs 18:32; Jr 31:12). Por causa da sua cor, podia ser chamado "o sangue da uva" (Gn 49:11; Dt 32:14; Sir. 39:26; 50:15; cf. Is 63:3; Ap 14:20).

A primeira menção de vinha na Bíblia se encontra em Gênesis 9:20-21: *Noé, que era agricultor, foi o primeiro a plantar uma vinha. Bebeu do vinho, embriagou-se e ficou nu dentro da sua tenda.* Três termos são de grande

importância nestes versículos: 1) vinha, 2) vinho, e 3) embriagou-se. Naturalmente, a palavra chave aqui é embriagou-se (ficou bêbado). Tal expressão demonstra que o vinho nesta passagem certamente é vinho fermentado, com suficiente quantidade de álcool para levar Noé à embriaguez. I Samuel 1:14-15 é outro exemplo em que a palavra vinho (*yayin*) é associada a embriaguez (*shakar*). No texto em questão o sacerdote Eli encontrou Ana orando em silêncio perto do tabernáculo, vendo seus lábios se movendo, mas não ouvindo palavra alguma. Ele então, a acusa de estar bêbada e lhe disse: “Até quando você continuará embriagada? (*shakar*) Abandone o vinho!”. Vendo que Eli havia julgado mal a situação, Ana respondeu: “Não se trata disso, meu senhor. Sou uma mulher muito angustiada. Não bebi vinho (*yayin*) nem bebida fermentada (*shekar*); eu estava derramando minha alma diante do Senhor.”

Outro texto a se considerar na utilização das palavras já citadas é Deuteronômio 14:22-26, que diz:

Comam o dízimo do cereal, do vinho novo e do azeite, e a primeira cria de todos os seus rebanhos na presença do Senhor, o seu Deus, no local que ele escolher como habitação do seu Nome, para que aprendam a temer sempre o Senhor, o seu Deus. Mas, se o local for longe demais e vocês tiverem sido abençoados pelo Senhor, pelo seu Deus, e não puderem carregar o dízimo, pois o local escolhido pelo Senhor para ali pôr o seu Nome é longe demais, troquem o dízimo por prata, e levem a prata ao local que o Senhor, o seu Deus, tiver escolhido. Com prata comprem o que quiserem: bois, ovelhas, vinho ou outra bebida fermentada, ou qualquer outra coisa que desejarem. Então juntamente com suas famílias comam e alegrem-se ali, na presença do Senhor, do seu Deus. E nunca se esqueçam dos levitas que vivem em suas cidades, pois eles não possuem propriedade nem herança próprias.

Segundo o texto, na festa anual dos dízimos, Deus ordenou especificamente ao povo que usasse o dízimo de sua renda para uma grande festa. E Deus ordenou ainda, que nessa festa o povo se alegrasse com comida e bebida, permitindo especificamente vinho (*yayin*) e bebida forte ou fermentada (*shekar*), e “qualquer outra coisa que desejarem”.

Como se vê, nas Escrituras hebraicas o vinho está entre os itens abençoados por Deus. Anselm Grun (2014, p.12) diz que quando Deus abençoa o ser humano, o sinal dessa benção é que ele também lhe dá a quantidade suficiente de vinho: *Ele os amará, os abençoará e fará com que vocês se multipliquem. Ele abençoará os seus filhos e os frutos da sua terra: o cereal, o vinho novo e o azeite, as crias das vacas e das ovelhas, na terra que jurou dar aos seus antepassados* (Dt 7:13). Porém, ao mesmo tempo ela também demonstra seu perigo, em razão do abuso. Alguns textos mostram isso:

O vinho é zombador e a bebida fermentada provoca brigas; não é sábio deixar-se dominar por eles. (Provérbios 20:1)

Não ande com os que se encharcam de vinho, nem com os que se empanturram de carne. (Provérbios 23:20)

Não convém aos reis, ó Lemuel; não convém aos reis beber vinho, não convém aos governantes desejar bebida fermentada, para não

sucedem que bebam e se esqueçam do que a lei determina, e deixem de fazer justiça aos oprimidos. (Provérbios 31:4-5)

Ai daquele que dá bebida ao seu próximo, misturando-a com o seu furor, até que ele fique bêbado, para lhe contemplar a nudez. (Habacuque 2:15)

Esses dois aspectos do vinho—seu uso e seu abuso, seus benefícios e sua maldição, sua aceitação à vista de Deus e sua aversão—estão entrelaçados na estrutura do Antigo Testamento para que possa alegrar o coração do homem (Sl 104.15) ou levar sua mente ao engano (Is 28.7); ele pode ser associado com o festim (Ec 10.19) ou com a ira (Is 5.11); pode ser usado para encobrir a vergonha de Noé (Gn 9.21) ou, nas mãos de Melquisedeque, para honrar Abraão (Gn 14.18).²

A bebida, no Novo Testamento

No Novo Testamento a palavra mais comum para vinho é *oins* que em seu sentido mais geral significa vinho. Segundo o *Dicionário VINE* (p.1061), a menção dos odres estourarem (Mt 9:17; Mc 2:22; Lc 5:37), implica fermentação. Por uma só vez encontramos a palavra *sikera*, "bebida forte" (Lc 1:15), uma palavra emprestada do semítico (cf, heb., *shekhar*). Encontramos, também apenas uma vez, ainda a palavra *gleukos* traduzida por vinho novo, vinho doce ou mosto (At 2:13); a vindima do ano corrente ainda não chegara, mas sempre havia meios de conservar doce o vinho durante o ano inteiro. O dicionário J. D. Douglas (p.1383), em seu verbete vinho, afirma que a palavra "vinho" nunca era usada para se referir ao suco de uva. Mesmo o termo "vinho novo" não poderia significar uma espécie de vinho que ainda não tivesse fermentado, pois realmente o processo de fermentação tem início quase imediatamente e é rápido, e, numa sociedade pré-industrial, carecendo de refrigeração ou pasteurização, por exemplo, o suco teria fermentado rapidamente. Assim, o vinho não-fermentado não poderia ser disponível muitos meses depois da colheita da uva e, como veremos, não era comum este suco na sociedade israelita. Em suma, no comentário presente neste verbete o autor conclui que o vinho em Israel era fermentado. Assim encontramos as seguintes informações no dicionário J. D. Douglas:

Dentre um número considerável de sinónimos empregados no AT, os mais comuns são *yayin* (usualmente traduzido por "vinho ") e *ihexhar* (usualmente traduzido por "bebida forte"). Esses termos são frequentemente usados juntamente, e são empregados indiferentemente, quer o escritor sagrado esteja recomendando o vinho e a bebida forte como desejáveis, quer esteja advertindo contra o perigo de abusar dos mesmos [...] O termo "vinho novo" não indica vinho que ainda não fermentou, pois de fato o processo de fermentação tem início quase imediatamente e é rápido, e o vinho não-fermentado não poderia ser disponível muitos meses depois da colheita da uva (At 2.13). O vocábulo representa antes, vinho preparado dos primeiros sucos que escorrem antes de o lagar ser pisado. Assim, seria particularmente potente, e seria imediatamente lembrado como uma possível explicação para aquilo que no dia de Pentecoste parecia ser um estado de embriaguez. Os costumes modernos na Palestina, entre um povo que é tradicionalmente

²Uma teologia do vinho. www.voltemosaoevangelho.com visitado 22/10/20

conservador no que tange as festividades religiosas, igualmente sugerem que o vinho usado era vinho fermentado. Pode-se afirmar, portanto, que a Bíblia, ao empregar vários sinônimos, não faz qualquer distinção consistente entre os mesmos. (J. D. DOUGLAS, P.1383)

No Novo Testamento, Jesus **foi acusado de ser “um glutão e bebedor de vinho”**: *Porquanto veio João, não comendo nem bebendo, e dizem: Tem demônio. Veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizem: Eis aí um comilão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores. Entretanto a sabedoria é justificada pelas suas obras* (Mt 11:18-19; Lc 7:33-34). Provavelmente, por seu estilo de vida, João Batista era nazireu, portanto não bebia vinho. Jesus não praticou as mortificações que tornaram notável o Batista: ele em geral se saiu como outros homens e viveu em companhias mistas, não evitando a de publicanos e pecadores. Reforçamos que o texto citado acima trata-se de uma acusação a Jesus. É certo que Jesus bebia vinho, como judeu, mas é óbvio que ele não era um “beberrão”. Ele conclui sua fala: *“a sabedoria é justificada pelas suas obras”*.

No evangelho joanino, Jesus inicia seu ministério, em Caná da Galileia, transformando água em vinho (Jo 2:6-10). Em outro momento, Jesus concluiu um ensinamento dizendo: “Ninguém põe remendo de pano novo em veste velha, [...] nem se põe vinho novo em odres velhos” (Mt 9:14-17). Em uma cultura onde o vinho fazia parte de modo tão natural é compreensível tanto o hábito do Senhor Jesus quanto o uso do vinho em seu primeiro milagre e em seu ensino.

No dicionário J. D. Douglas, quanto ao vinho no N.T. encontramos:

No NT o vocábulo comumente usado é o termo grego *oins* (cf. o heb., *ayjn*). Por uma só vez encontramos a palavra *sikera*, “bebida forte” (Lc 1.15), uma palavra emprestada do semítico (cf. heb., *shekhar*) e também apenas uma vez encontramos *gleukos* (At 2,13; que nossa versão oculta sob a frase “Estão embriagados!”). Essa última palavra significa literalmente “vinho doce”; a vindima do ano corrente ainda não chegara, mas sempre havia meios de conservar doce o vinho durante o ano inteiro. As referências ao vinho, no NT, são muito menos em número; porém, uma vez mais são igualmente aparentes os aspectos bom e mau do vinho, e muitos dos particulares que podemos observar no AT têm seu paralelo no NT. João Batista deveria abster-se do vinho em vista de sua comissão especial (Lc 1.15), ainda que isso não deixe subentendido que o vinho seja um mal em si mesmo, pois Jesus não somente esteve presente no casamento celebrado em Caná da Galiléia, mas igualmente, quando faltou o vinho, preencheu a falta com um suprimento extraordinariamente abundante; e posteriormente, sua prontidão em comer e beber com publicanos e pecadores atraiu sobre si a acusação, assacada por seus inimigos, de que ele era um glutão e um bebedor de vinho. A recusa do vinho que Lhe foi oferecido na cruz, de conformidade com o costume judaico (Mc 15.23), não se baseava sobre alguma objeção ao vinho como tal, mas deveu-se antes à determinação de morrer com a mente desanuviada. Posteriormente ele aceitou o vinho (vinagre) que era a bebida ordinária dos trabalhadores dos campos e dos soldados de classes inferiores. Em mais de uma ocasião o Senhor Jesus usou o vinho como ilustração de seu ensino. A passagem de Mc 2.22 salienta a prática corrente de colocar vinho novo em odres (de pele) novos...”. (J. D. Douglas, p.1384).

Kenner (p.278) também fala sobre esse processo de diluição do vinho alcohólico ao comentar o milagre de Caná (Jo 2) onde Jesus transforma água em vinho:

Logo após a vindima e fermentação do mosto, todo vinho continha certo teor de álcool (não existia nem refrigeração nem lacre hermético). Mas o teor alcoólico do vinho não era aumentado artificialmente (a destilação ainda não era praticada). Na verdade, o que acontecia com o vinho era um processo de diluição, em que a uma parte de vinho se adicionavam duas ou três de água. Às vezes, nas festas gregas, induzia-se à ebriedade diluindo-se o vinho, ou adicionando-se ervas tóxicas, mas os mestres judeus reprovavam essa prática. É improvável que a ebriedade fizesse parte da celebração em Caná [em razão dos sete dias de festa]. Contudo, era o melhor vinho o primeiro que normalmente serviam porque, bêbados ou não os convidados, seus sentidos ficariam mais embotados à medida que fosse avançando o período de sete dias das bodas nupciais.

J. Jeremias, comentando sobre a classe rica de Jerusalém no tempo de Jesus diz que em “Jerusalém bebia-se o vinho de mesa em copos de cristal sem misturar-lhe água” (p.135). J. Jeremias fala ainda sobre a classe média de Jerusalém nos dias do Senhor Jesus e de como celebravam a Páscoa, principalmente os peregrinos que vinham a cidade neste período. Ele descreve os elementos que constituíam a festa: “Para a festa Pascal, era o cordeiro pascal e os sacrifícios espontâneos; a esses, juntavam-se os quatro copos de vinho, as ervas amargas, as geleias, o pão ázimo” (p.147). Ainda diz: “Mas, para que o prazer fosse completo, eram precisas fartas refeições, abundantemente regadas de bom vinho” (p.147). Era de uso corrente que os peregrinos praticassem a caridade em Jerusalém, mas havia também movimentos religiosos que faziam suas caridades, sobretudo neste período. J. Jeremias fala sobre os essênios, por exemplo. Em cada cidade existia um responsável particular da ordem, encarregado de prover de roupas e outras coisas necessárias, aos irmãos da comunidade religiosa.

Entre as instituições judaicas caridosas, segundo J. Jeremias, estava “o *tamhüy* (“prato dos pobres”) [...] O *tamhüy* era distribuído todos os dias aos pobres em trânsito; compunha-se de alimento (pão, favas, frutas; na Páscoa era acrescentado o vinho prescrito)” (p.184). Em outras palavras, até os pobres, na Páscoa, bebiam o vinho para participar do ritual, ainda que fosse por causa da caridade das pessoas. “A Mishna prevê ainda que um pobre deve receber do “prato dos pobres” (*tamhüy*) os 4 copos de vinho prescritos para a Páscoa, no caso de não poder obtê-los de outra maneira” (J. Jeremias, p.187). Em outras palavras, culturalmente falando, o vinho fazia parte da vida judaica, sobretudo, no período da Páscoa, sendo utilizado por pessoas de todas as classes econômicas da época. Os comentaristas, como se viu, destacam que era costume quatro cálices de vinho na celebração da Páscoa nos dias de Jesus. Hendriksen (p.575) diz, sobre Mateus 26:27, 28:

Não se deve dar muita importância ao fato de que Marcos fale de “um” cálice, porque nos relatos paralelos, o texto de Mateus varia, enquanto Lucas e Paulo usam o artigo definido “o” cálice. Na Páscoa era costume beber vários cálices de vinho diluído. Visto que, como já se demonstrou, a Ceia do Senhor estava vinculada à última parte da Páscoa, é claro que o cálice aqui mencionado reflete o último cálice dessa festa. Por isso tanto Lucas quanto Paulo falam do “cálice depois de haver ceado”. Além disso, a ênfase não é posta na vasilha. Toda a ênfase está em seu conteúdo, o vinho (ver sobre 26.29) como símbolo do sangue de Cristo.

Macdurmon (p. 30) traz uma informação importante a respeito do vinho utilizado por Jesus na páscoa. Diz ele:

Os judeus celebravam três festas anuais pela colheita: duas pelo cereal e, posteriormente, uma pela colheita de frutas. A primeira festa da colheita coincidia com a Páscoa e marcava o início da colheita de cereais (Lucas 23:9-14). Era muito importante para os judeus reconhecerem a providência de Deus no primeiro aparecimento de qualquer produto. Logo no início eles adoravam a Deus por sua providencia fazendo-lhe uma oferta dos seus primeiros produtos. Isso acontecia no começo de cada primavera, todos os anos. Em seguida vinha o que era conhecido como a festa das semanas, porque era realizada no primeiro dia depois de sete semanas após a Páscoa. Por isso a festa dos “cinquenta dias” era conhecida pela palavra grega correspondente: “Pentecoste”. Era o resto da colheita de cereais, e também requeria uma oferta dos “primeiros frutos”, ou das “primícias” (Levítico 23:15-21). Essas duas colheitas eram somente de cereais – cevada e trigo. As uvas não ficavam prontas até a colheita do outono. Assim, por ocasião do Pentecostes, celebrado a cada ano, o único vinho disponível só podia provir de uvas prensadas e “engarrafadas” durante a colheita do outono anterior – sete meses antes. Como não havia pasteurização nem refrigeração, não havia possibilidade de que na Páscoa e no Pentecoste o vinho não tivesse fermentado; o vinho era alcoólico. Não é de se admirar, então, que na mais famosa festa, a de Pentecostes, quando os discípulos receberam de Deus o Espírito e falaram noutras línguas, eles tenham sido acusados de estar embriagados por “vinho” (Atos 2:13-15).

Em suma, concluímos que o vinho usado por Jesus, era o produto da videira fermentado. O suco de uva não era amplamente usado naquela sociedade. Não havia, como alguns dizem, uma espécie de vinho que ainda não tivesse fermentado, pois realmente o processo de fermentação tem início quase imediatamente, e, numa sociedade pré-industrial, carecendo de refrigeração ou pasteurização, por exemplo, o suco teria fermentado rapidamente. Não existia nem refrigeração nem lacre hermético. Numa sociedade pré-industrial, o vinho era em si, a maneira de se conservar o produto da videira. O vinho era consumido na Palestina de forma generalizada (por pessoas de todas as classes econômicas). Como vimos, ele era normalmente diluído em água.

O Novo Testamento também fala do vinho sendo utilizado com fins medicinais: *Não continue a beber somente água; tome também um pouco de vinho, por causa do seu estômago e das suas frequentes enfermidades* (1 Timóteo 5:23). A respeito dessa recomendação Mcdurmon (p.59) nos informa que naquela época era mais seguro beber vinho do que beber água. A água que era canalizada e colocada em depósitos era facilmente contaminada por bactérias, etc., e podia vir a causar mal-estar e doenças. Ainda a esse respeito, diz ele:

Não é, como parece que muitas pensam, que nós devemos usar vinho somente para fins medicinais. A instrução dada a Timóteo era que deixasse de beber água e que começasse a beber vinho normalmente por causa dos seus problemas estomacais (obviamente causados pela água). De fato, a palavra “somente” nem aparece no texto original (por que os tradutores acrescentaram esse advérbio não está claro). Deveríamos ler: “não continue a beber água”, ou “não beba mais água”. Ironicamente, longe de uma proibição bíblica do vinho, temos uma proibição da água! (Ao menos, num sentido restrito).

E o vinho não era algo para ser guardado aqui e ali para ser utilizado apenas numa ocasião de enfermidade; era para ser utilizado normalmente como

medida preventiva. Um outro fator é que o vinho era mais salutar do que a água; e também havia mais abundante suprimento dele. Esta situação era tão certamente a que havia no antigo Oriente Médio, que em certos casos continua sendo assim atualmente em Israel (MCDURMON, 2012, p.60).

Lawrence Richards, no Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento, diz acerca deste texto:

Timóteo parece ter concluído, a partir de vários ensinamentos das Escrituras, que ingerir bebidas alcoólicas era errado, e assim bebia “somente água”. É interessante que Paulo não diz a Timóteo que reivindique ou, até mesmo, peça a cura. Em lugar disto, ele aconselha o uso medicinal de “um pouco de vinho”. O uso do vinho para combater o efeito da água impura era comum no mundo antigo. Peritos judeus e gregos, incluindo Hipócrates, recomendavam um uso moderado de vinho no tratamento de pacientes com problemas estomacais crônicos. (LAWRENCE, 2008, P.471).

Já Carson, no Comentário Bíblico Vida Nova, argumenta sobre o conselho de Paulo a Timóteo:

O conselho de pureza é imediatamente seguido pelo conselho sobre beber vinho (v.23), e isso pode sugerir que Paulo estava preocupado que Timóteo foi apanhado nas práticas ascéticas dos falsos mestres. No entanto, pode haver qualquer ligação entre este e o verso anterior. A referência à água potável pode ser devido a doenças causadas por água contaminada ou talvez porque ele estava sob estresse. Nós não sabemos. Paulo não se opõe ao beber água e suplementação sugere um pouco de vinho. Evidentemente a saúde de Timóteo não era robusta. (CARSON, 2009, p.1582)

Seguindo o mesmo padrão do Antigo Testamento, por seu uso generalizado na sociedade israelita, o Novo Testamento também apresenta os aspectos maus do seu uso, rejeitando categoricamente seu abuso. Alguns textos que condenam o abuso do álcool são:

Comportemo-nos com decência, como quem age à luz do dia, não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e depravação, não em desavença e inveja (Romanos 13:13).

Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem, mas deixem-se encher pelo Espírito (Efésios 5:18)

No passado vocês já gastaram tempo suficiente fazendo o que agrada aos pagãos. Naquele tempo vocês viviam em libertinagem, na sensualidade, nas bebedeiras, orgias e farras, e na idolatria repugnante (1 Pedro 4:3).

Em alguns outros textos, encontramos uma orientação para que os líderes da igreja tenham uma relação moderada com o vinho:

É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, sóbrio, prudente, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; não deve ser apegado ao vinho, nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro (1 Timóteo 3:2-3)

Os diáconos igualmente devem ser dignos, homens de palavra, não amigos de muito vinho nem de lucros desonestos (1 Timóteo 3:8)

Ensine os homens mais velhos a serem sóbrios, dignos de respeito, sensatos, e sadios na fé, no amor e na perseverança. Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom. (Tito 2:2-3)

Ante ao que vimos até aqui, podemos notar que não há uma proibição ou ordem universal como: “não bebam vinho” ou “não bebam nenhum tipo de bebida fermentada”. O que encontramos são proibições claras quanto ao abuso ou consumo sem moderação, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

2. PONTO DE VISTA SOCIOCULTURAL

No Brasil, quando os portugueses aportaram no ano de 1500, trouxeram vinho em suas caravelas. Como três raças se juntaram aqui, também três tipos de bebidas fermentadas faziam parte do cotidiano da recém-formada colônia: o cauim, o vinho e a cachaça. O cauim era a bebida do índio, fabricada de raízes de mandioca, do milho, do pinhão, do palmito, de "todos os seus legumes, até da farinha que come". A designação provavelmente veio do fato de ter sido o caju a matéria prima inicial³.

O vinho foi trazido pelos portugueses em 1500, através da frota de Cabral. "No século XVII, rara era a fazenda que não produzia vinho e trigo para o seu sustento⁴". O africano, que chegou ao Brasil em meados do século XVI, trouxe a cachaça. Cachaça era escuma de garapa e era garapa fermentada. Mais usualmente, escuma. Por conta disso, desde o início de sua história, o álcool no contexto cultural brasileiro foi amplamente consumido e faz parte do dia a dia de boa parte da sociedade.

Não há no Brasil uma proibição geral ao consumo de bebidas alcoólicas. O que temos são leis que regulam o consumo em determinadas ocasiões. Algumas dessas leis são:

A Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996 dispõe sobre a restrição às propaganda de bebidas alcoólicas. De acordo com a lei, fica vedada a veiculação, nas emissoras de rádio e televisão, da propaganda de bebidas com teor alcoólico acima de 13o Gal-Lussac (GL) durante o período compreendido entre as seis e as vinte e uma horas, além de proibir a associação desses produtos ao esporte, à condução de veículos, ao desempenho saudável de qualquer atividade e a imagens ou ideias de maior êxito ou de sexualidade das pessoas. Ademais, há para todas as bebidas com teor alcoólico a autorregulamentação publicitária.

A [Lei nº 12.760](#), que reforça a popularmente conhecida “Lei Seca” ([nº 11.705/2008](#)). Trata-se de uma alteração no Código de Trânsito Brasileiro que, além de aumentar o valor da multa administrativa (de R\$ 957,69 para R\$ 1.915,38, podendo dobrar em caso de reincidência no período de 12 meses), amplia as possibilidades de provas da infração de dirigir sob a influência de álcool ou de qualquer substância psicoativa,

³ Revista USP, pg. 222

⁴ Idem

as quais foram disciplinadas pelo Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN) na Resolução nº 432 de 23 de janeiro de 2013.

A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, para tornar crime vender, fornecer, servir, ministrar ou entregar bebida alcoólica a criança ou a adolescente; e revoga o inciso I do art. 63 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 - Lei das Contravenções Penais.

Em se tratando de uma questão de saúde, no Brasil o alcoolismo é considerado uma doença: Desde 1967, a OMS (Organização Mundial da Saúde) considera o alcoolismo uma doença e recomenda que as autoridades encarem o assunto como questão de saúde pública⁵. Do ponto de vista médico, o alcoolismo é uma doença crônica, com aspectos comportamentais e socioeconômicos, caracterizada pelo consumo compulsivo de álcool, na qual o usuário se torna progressivamente tolerante à intoxicação produzida pela droga e desenvolve sinais e sintomas de abstinência, quando a mesma é retirada⁶. É por essa razão que mesmo que não haja a proibição há a conscientização para o uso moderado de bebidas alcoólicas.

Motivos que levam o indivíduo ao alcoolismo

A tendência em fugir dos problemas, a curiosidade, e as influências do meio social, são algumas das razões que propiciam ao indivíduo tornar-se dependente. Segundo Collins, há cinco fatores que torna o indivíduo propenso ao alcoolismo, vejamos o que ele cita:

1. Fisiologia e hereditariedade: Os filhos e filhas de pais alcoólatras têm uma probabilidade quatro vezes maior de se tornarem dependentes da bebida na idade adulta;

2. Influências ambientais: A família em que somos criados, o lugar onde vivemos e a sociedade ou grupo étnico ao qual pertencemos podem aumentar ou diminuir a probabilidade de surgimento do alcoolismo.

3. Pressões sobre o indivíduo: O alcoolismo geralmente se inicia durante o estressante período da adolescência... A pessoa que começou a beber como uma forma de relaxar e lidar com o estresse é agora um viciado;

4. Influências agravantes: Em algum momento do processo que leva à dependência, ocorrem alterações endócrinas e bioquímicas que tornam muito difícil largar o vício;

5. Influências espirituais: O caminho da dependência é mais fácil de encontrar quando as pessoas carecem de valores espirituais, religiosos e morais. (COLLINS, 2004. p. 577 a 581)

O índice de consumo de **álcool** no Brasil é alarmante, segundo o 3º Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira, divulgado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

A pesquisa revelou que mais da metade da população brasileira de 12 a 65 anos declarou ter consumido bebida alcoólica alguma vez na vida. Cerca de 46 milhões (30,1%) informaram ter consumido pelo menos uma dose nos 30 dias anteriores. E aproximadamente 2,3 milhões de pessoas

⁵Disponível

em:

<

http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/processoAudienciaPublicaAdin4103/anexo/ALCOOLISMO_e_Doenca_no_entanto_deveria_ser_tratado_como_tal..pdf

⁶ Idem

apresentaram critérios para dependência de álcool nos 12 meses anteriores à pesquisa.

O levantamento que ouviu cerca de 17 mil pessoas com idades entre 12 e 65 anos, em todo o Brasil, entre maio e outubro de 2015, é apontado como um dos mais completos por sua abrangência.⁷

Outra pesquisa mostra o seguinte:

De acordo com a Vigitel 2021, o padrão de consumo de 18,4% da população brasileira é de bebedor abusivo. Entre os homens, esse percentual é de 25,6%. Em 2010, esse número era de 27%. A ingestão de bebida alcoólica entre as mulheres, no entanto, aumentou nesse período. Em 2010, 10,5% delas tinham um consumo abusivo. Em 2021, esse percentual subiu para 12,7%.⁸

Quais as principais doenças causadas pelo alcoolismo?

O Hospital Santa Mônica responde:

Caso não haja o controle adequado dos efeitos do vício, o usuário estará sujeito ao risco de diversas doenças causadas pelo alcoolismo. Confira quais são!

Desnutrição

Principalmente na adolescência, o consumo de substância alcoólica causa à redução da capacidade de absorção e afeta negativamente o desenvolvimento nutricional. Assim, o alcoolismo na adolescência repercute bastante no estado alimentar desse grupo, exatamente nessa fase em que as necessidades nutricionais são mais elevadas.

Devido à grande toxicidade, o álcool tem potencial para lesar órgãos nobres que compõem o trato gastrointestinal e, conseqüentemente, comprometer funções do fígado e do estômago, por exemplo. Como o etanol afeta também a metabolização dos nutrientes, esses prejuízos nutricionais ocorrem em qualquer idade.

Hepatite alcoólica

Essa é uma doença inflamatória e que causa severa degeneração no fígado. Geralmente, esse tipo de hepatite é considerado uma pré-cirrose e se desenvolve mediante o consumo excessivo de álcool e por longos períodos de tempo.

Cirrose

A cirrose é classificada como uma das piores conseqüências do alcoolismo, pois ela pode causar lesões hepáticas irreversíveis. A ingestão frequente de bebidas alcoólicas afeta diretamente todas as funções do fígado. Com o tempo, a perda gradativa das funções contribui para a evolução da cirrose para o estado crônico, que pode levar ao óbito.

Gastrite

A gastrite é caracterizada por uma inflamação que resulta em grande desconforto, dor e deixa a pessoa com dificuldade para alimentar-se. Ainda que seja em pequenas quantidades, as bebidas alcoólicas irritam a mucosa do estômago à medida que tornam o local muito mais ácido.

Com isso, sob a ação da toxicidade do álcool surgem constantes desconfortos na região superior do abdome. Além disso, outros sintomas como náuseas, vômitos, cefaleias e diarreias podem estar presentes.

Doenças emocionais

As doenças emocionais também figuram na lista das complicações decorrentes do alcoolismo. No Brasil, alguns estudos associam esses males ao consumo de álcool, como também de outras drogas. Entre os distúrbios de ordem psicológicas mais comuns entre os consumidores de álcool estão a ansiedade e a depressão.

⁷Disponível em: < portal.fiocruz.br > Acesso em: 23/10/2020.

⁸ Disponível em: <https://ocid.es.gov.br/consumo-alcool-definicoes-numeros-Brasil-2022#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Vigitel,no%20entanto%2C%20aumentou%20nesse%20per%C3%ADodo.> > Acesso em 2/05/2022.

Comprometimento do cérebro

Um dos sintomas cerebrais mais comuns em pessoas com vício em álcool é a Demência Alcoólica. Esse quadro é provocado pelo consumo excessivo de álcool e também figura entre as complicações mais preocupantes em relação ao hábito de beber.

Entre os principais agravos à saúde destacam-se o comprometimento do raciocínio e memória, dificuldade de aprendizagem e de outras funções cerebrais. Qualquer alcoolista que beba quantidades excessivas de álcool por longos períodos de tempo incorrem no risco de desenvolver esse tipo de demência.⁹

3. QUAL DEVE SER O RELACIONAMENTO DO CRISTÃO COM BEBIDAS ALCÓOLICAS NO DIA A DIA E EM FESTAS?

Após a exposição acima fica a questão sobre qual deve ser a relação do cristão com bebidas alcoólicas. Conquanto não tenhamos por parte da Bíblia uma proibição clara ao consumo de bebidas alcoólicas, podemos sim, afirmar que a Bíblia proíbe enfaticamente o vício, o excesso e o escândalo por causa do consumo do álcool.

Vários textos mostram que a relação do cristão com a bebida deve ser uma relação de moderação e de autocontrole. É de responsabilidade individual, mas também coletiva. Em Mt 22.34-40 temos o último questionamento feito a Jesus registrado nesse capítulo. Os fariseus atacam novamente. Um dos fariseus, que era intérprete da lei, perguntou a Cristo qual era o grande mandamento da Lei. A esta pergunta Jesus respondeu: “[...] ‘Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento’. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22. 37-40). O Senhor Jesus se baseou em Lv 19.18 e Dt 6.4 para compor a resposta.

Amar a Deus e ao próximo é o maior mandamento que Cristo Jesus nos deixou (Jo 15.12) e o cumprimento dele mostra o verdadeiro discípulo (Jo 13.35). É isto que a Lei de Deus exige de nós, que amemos ao nosso Deus e como resultado amemos ao nosso próximo. Amar ao próximo significa ajudar o outro sem desejar nada em troca, é um ato de compaixão e empatia sem se deixar levar pelo orgulho. Sendo assim, amar ao próximo é se importar com a vida do outro e tratá-lo com respeito que ele merece. Se beber vinho, mesmo que moderadamente, prejudica ou escandaliza o meu próximo, então estou falhando em ser um verdadeiro discípulo de Cristo.

A reportagem “O evangélico e o álcool”, da revista Cristianismo Hoje diz:

O tema sempre será delicado, e por isso devemos tratá-lo biblicamente, mas nunca na base do ‘pode ou não pode’”, opina, por sua vez, Hernandes Dias Lopes, pastor e escritor de confissão presbiteriana. “Este é um caminho que pode construir uma ética farisaica e uma espiritualidade rasa”. Para Hernandes, há uma dificuldade bíblica de se fazer uma defesa radical pela abstinência, de maneira que a questão deve ser ponderada. Ele lembra que a ética cristã não se baseia somente no direito ou na consciência de cada um, mas no direito do outro e no amor ao próximo. “Dessa maneira, não se pode fechar os olhos para a realidade de tantas tragédias pessoais decorrentes da bebida e das perspectivas da juventude brasileira, que está sendo consumida pelo álcool”. Hernandes alerta que as igrejas nem precisam olhar para fora para constatar a imprudência no consumo do álcool, mas atentar para a secularização vista nas

⁹ Disponível em: < Doenças causadas pelo alcoolismo. Www.hospitalsantamonica.com.br > Acesso em: 23/10/2020.

congregações hoje: “Tenho ido a casamentos de crentes a cujas cerimônias seguem-se festas suntuosas regadas a todo tipo de bebida. O que se passa é que, no fim da festa, até mesmos cristãos são vistos saindo desses repastos com as pernas bambas”. Se beber pouco ou muito é motivo de escândalo para um irmão, acrescenta Hernandez, “então eu devo abster-me de beber”. Princípio, segundo ele, que deve nortear de resto qualquer atitude do crente.¹⁰

Vejamos agora o que a Bíblia diz a respeito do uso descontrolado:

- a. A embriaguez é um pecado (Dt 21:20; Ec 10:17; Lc 12:45; 21:34; Rm 13:13; 1 Co 5:11; Ef 5:18; 1 Pe 4:3)
- b. A bebida pode **atrapalhar** a boa governança do rei (Pv 31:4-5)
- c. Os presbíteros não podem **ser dados** a bebida (1 Tm 3:3; Tt 1:7)
- d. Os **alcoólatras** não herdarão o reino de Deus (1 Co 6:10; Gl 5:21)

A Bíblia não só fala contra o uso excessivo do álcool, como também, dá exemplos de problemas causados pela embriaguez.

- a. Incesto (Gn 19:32-35)
- b. Violência (Pv 4:17)
- c. Adultério (Ap 17:2)
- d. Zombaria e pancadaria (Pv 20:1)
- e. Pobreza (Pv 21:17)
- f. Alucinações (Is 28:7)
- g. Assassinato (2 Sm 11:13-15)
- h. Andar cambaleante (Jr 25:27; Sl 107:27; Jó 12:25)
- i. Loucura (Jr 51:7)
- j. Nudez (Hc 2:15; Lm 4:21)

A partir destes textos podemos concluir que a embriaguez é um pecado que leva a uma vida infeliz e pode produzir consequências irreparáveis. Sendo assim, em relação ao dia a dia do cristão fica a máxima paulina: *Tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo me é permitido, mas eu não deixarei que nada domine* (1 Coríntios 6:12). Fica claro que ao cristão não é permitido o vício de qualquer tipo. Assim sendo, aqueles que possuem problemas e predisposição ao alcoolismo devem ser aconselhados a abstenção. Outra orientação dada por Paulo é a da preocupação para com o outro. Diz ele:

Ninguém deve buscar o seu próprio bem, mas sim o dos outros. Comam de tudo o que se vende no mercado, sem fazer perguntas por causa da consciência, pois "do Senhor é a terra e tudo o que nela existe". Se algum descrente o convidar para uma refeição e você quiser ir, coma de tudo o que lhe for apresentado, sem nada perguntar por causa da consciência. Mas se alguém lhe disser: "Isto foi oferecido em sacrifício", não coma, tanto por causa da pessoa que o comentou, como da consciência, isto é, da consciência do outro e não da sua própria. Pois, por que minha liberdade deve ser julgada pela consciência dos outros? Se participo da refeição com ação de graças, por que sou condenado por algo pelo qual dou graças a Deus? Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus. Não se tornem motivo de tropeço, nem para judeus, nem para gregos, nem para a igreja de Deus. (1 Coríntios 10:24-32)

¹⁰ Disponível em: < <https://noticias.gospelmais.com.br/evangelico-alcool-debate-lideres-cristaos-38155.html> > Acesso em: **23/10/2020**.

Tendo em vista um contexto em que há um estranhamento, por causa da ênfase proibicionista, sobre o consumo de bebidas por parte de cristãos é prudente que se evite escândalos desnecessários. Sendo assim, deve-se levar em conta a consciência de outros irmãos cristãos e também o entendimento por parte de alguns não-cristãos de que crentes não bebem. Outro ponto a destacar é que o cristão, deve obedecer à lei civil (Rm 13:1-7) e por isso deve respeitar também as leis concernentes ao consumo de bebidas alcoólicas. A esse respeito, deve-se seguir a recomendação de Paulo: *Quando você peca contra seus irmãos dessa maneira, ferindo a consciência fraca deles, peca contra Cristo. Portanto, se aquilo que eu como leva o meu irmão a pecar, nunca mais comerei carne, para não fazer meu irmão tropeçar* (1 Co 8:12-13). Embora o texto se refira a carne em si, o princípio de preocupação e de abstenção por causa da consciência fraca de um irmão em Cristo é extremamente válido também para o consumo de bebidas alcoólicas.

Em se tratando de festas, como vivemos numa realidade comunitária e em um contexto em que tanto para alguns cristãos como para não-cristãos o consumo de bebida alcoólica é motivo de escândalo, deve-se evitar a qualquer custo escandalizar seja os membros da igreja, quanto pessoas que dela não fazem parte. Exatamente por isso, a Igreja Adventista da Promessa orienta seus membros a não usarem bebidas alcoólicas em suas festas, especialmente de casamento.

4. IGREJA: UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA

A igreja no contexto do Novo Testamento é uma comunidade que cuida, sara e que permite o crescimento. É vista como o povo de Deus (2 Co 6:16), uma comunidade de cuidado. Ela também é o corpo de Cristo (Rm 12:4-5, 1 Co 10:17): uma unidade orgânica na qual cada membro tem seus próprios dons e ministérios singulares. Por fim, ela é a comunidade do Espírito Santo (At 10:44-47): por meio do qual o Espírito Santo pode trabalhar em um mundo extremamente necessitado. Estas marcas distinguem a igreja como uma comunidade do cuidado.

Podemos afirmar que através de toda a Escritura, Deus se revela interessado e comprometido na criação e consolidação de um povo fiel, em cujo meio ocorram relações de solidariedade e responsabilidade na construção de uma comunidade de vidas alcançadas e transformadas pelo seu poder.

Portanto, a tarefa da igreja local é acolher e ajudar seu pastor na restauração de vidas destruídas por todo tipo de pecado e, especialmente, pelo vício. Ao receber pessoas viciadas no álcool a igreja precisa abraçar e cuidar, assim como das famílias atingidas. Uma das realidades mais devastadoras dos alcoólatras é que impõe danos colaterais aos seres queridos.

Todos os maus hábitos, condutas compulsivas e dependências são muito persistentes e difíceis de erradicar, porém não impossível. A repetição de uma conduta altera o cérebro, e portanto mais difícil de mudar. No entanto, é possível aprender novos padrões de conduta.

Como o pastor deve agir diante destas situações?

Levando a graça de Deus em um lugar caótico: *Mas, por enquanto, até chegar a perfeição, temos três coisas que nos guiam até a consumação de tudo:*

confiança firme em Deus, esperança inabalável e amor extravagante. E o melhor desses três é o amor (1 Co13:13 - AM)

Quando lemos as cartas de Paulo, vemos esta “trilogia da graça” várias vezes, em suas exortações as pessoas que buscam viver como discípulos fiéis em um mundo destruído pelo pecado. A fé, a esperança e o amor marcam a vida dos cristãos em tempos de provações.

CONCLUSÃO

No final do presente estudo concluímos não haver bases bíblicas para se afirmar que o consumo da bebida alcóolica é pecado. Fica claro pela leitura Bíblica que a embriaguez é condenada e vista como pecado e como uma maldição sobre a humanidade. Devemos combater contundentemente a embriaguez, pois vários são os textos bíblicos que tratam dos seus prejuízos!

Todavia, devemos distinguir o consumo de bebida de seu abuso. Algumas vezes na Bíblia comer de forma abusiva é posto em paralelo com beber vinho de forma imoderada (Dt 21:20; Pv 23:21). Mas o alimento em si não é proibido. Vemos ainda na Escritura a perversão sexual sendo posta em paralelo com a embriaguez (Rm 13:13; 1Pe. 4:3). No entanto, nem todas as formas de atividade sexual são proibidas. A riqueza com frequência se transforma numa armadilha para o pecador (1Tm 6:9-11), mas a Escritura não desencoraja totalmente sua aquisição (Jó 42:10-17).

Da mesma forma que na igreja existem pessoas com problema com álcool, existem pessoas com problemas com dinheiro, comida, sexo e tantas outras realidades que não são um problema em si. Tais situações devem ser tratadas pontual e pastoralmente. E no contexto mais amplo da comunidade deve-se ensinar e orientar que os limites estabelecidos por Deus se aplicam a todos os aspectos da vida e experiência humana.

Por fim, diante dos vários alertas bíblicos quanto ao abuso da bebida alcóolica, e pelo contexto cultural brasileiro apresentado neste trabalho, também entendemos que a igreja não deve incentivar o uso da bebida. Nossa posição deveria ser de *abstencionistas*, ou seja, daqueles que entendem que beber não é pecado, mas que todos os cristãos deveriam evitar qualquer tipo de bebida alcóolica para não serem motivo de escândalo e tropeço para alguém, principalmente para aqueles que possuem problemas relacionados ao alcoolismo.

Precisamos ser sábios, neste sentido. Vivemos num ambiente com inúmeras famílias destruídas por conta dos vícios, com destaque as bebidas alcóolicas, então, cada cristão deve cuidar para não ser uma pedra de tropeço na vida do seu irmão. Observemos o que escreveu o apóstolo Paulo:

Por isso, esforcemo-nos em promover tudo quanto conduz à paz e à edificação mútua. Não destrua a obra de Deus por causa da comida. Todo alimento é puro, mas é errado comer qualquer coisa que faça os outros tropeçarem. É melhor não comer carne nem beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa que leve seu irmão a cair (Rm 14:19-21).

Este deve ser o nosso esforço constante. Não devemos deixar de ensinar aquilo que a Bíblia diz, sempre buscando glorificar a Deus. E em paralelo, lutarmos para promover a paz e a edificação. Como vivemos num contexto de país onde a bebida alcóolica é um problema de saúde pública, seguir o conselho

de Paulo se torna necessário e urgente: “É melhor não comer carne nem beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa que leve seu irmão a cair”. Por isso, concluímos este texto recomendando que a bebida alcóolica seja evitada.

REFERÊNCIAS

FORSYTH, Mark. Uma breve história da bebedeira: Como, onde e por que a humanidade tomou umas da Idade da Pedra até hoje. Editora Companhia de Mesa, 2018, 188pg.

P. Henry, *The Life and Times of John Calvin, the Great Reformer Volume 1* (269–270). New York: Robert Carter & Brothers.

DICIONARIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA

MCDURMON, Joel. O que Jesus beberia? Editora Monergismo. 2017, 156pg.

GRUN, Anselm. Vinho: Um presente do Céu e da terra, Editora Vozes, 2014, 136pg.

DOUGLAS, J. D. O novo Dicionário da Bíblia. Editora Vida Nova. 2006, 1424pg.

MELO, Emerson. O vinho na Bíblia: Estudo Histórico e Exegético. Editora Strata, 2017, 132pg.

JEREMIAS, J. Jerusalém no tempo de Jesus. Editora Academia Cristã Paulus, 2010, 520pg.

HENDRIKSEN, William. Comentário Do Novo Testamento – Mateus – Volume 1, Editora Cultura Cristã

LAWRENCE, Richards. Comentário Histórico Cultural NT. Editora Vida Nova.

CARSON, D.A. Comentário Bíblico Vida Nova. Editora CPAD.

COLLINS, Gary R. Aconselhamento Cristão. Edição Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004, 704pg.